CISION

Expresso

ID: 91185707

12-02-2021 | Revista E

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 40
Cores: Cor
Área: 16,31 x 25,57 cm²
Corte: 1 de 6

CISION

Expresso

ID: 91185707

12-02-2021 | Revista E

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 41
Cores: Cor
Área: 17,15 x 24,91 cm²
Corte: 2 de 6

# Telegramas de uma guerra digital

+E

Com 2 mil milhões de pessoas, mais do que em qualquer país do mundo, o WhatsApp enfrenta críticas pelo envio de informação para o império Facebook. Há milhões de pessoas a trocar a ditadura dos dados pela liberdade do Telegram ou do Signal





TEXTO
**JOÃO MIGUEL SALVADOR**
ILUSTRAÇÕES
**ALEX GOZBLAU**

CISION

Expresso

ID: 91185707

12-02-2021 | Revista E

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 42
Cores: Cor
Área: 15,36 x 18,90 cm²
Corte: 3 de 6

stamos demasiado despidos. Lutamos pela liberdade e agora tudo é controlado. Conseguem desenhar o nosso perfil com base nas nossas pesquisas, onde estamos, com quem estamos. Mas como as pessoas não sabem quem está por trás, quem gere estas redes sociais, não querem saber que informação está a passar, se estão ou não a ser controladas. Mas alimentarmos essas despreocupações pode ser uma coisa muito perigosa." Margarida Albino começou por apagar o Facebook, teve duas recaídas — "era muito confortável ver tudo lá" —, mas acabou por pôr um prazo a si própria e cumpriu. Abandonou as redes sociais e não sentiu qualquer falta, embora o WhatsApp tenha continuado a fazer parte da sua vida até há muito pouco tempo. "Sentimo-nos em segurança porque pensamos que estamos a enviar algo para determinada pessoa, só que parece haver sempre informação a escapar e o facto de a *app* ser controlada pelo Facebook não me dava confiança", conta a estudante de cinema e artes plásticas depois de ter optado pelo Signal. O número de pessoas a procurar alternativas, motivadas pelos alertas de que o WhatsApp passaria a partilhar informação com o Facebook, tem crescido nos últimos dois meses (entre meados de dezembro e de janeiro os *downloads* disparam) depois de receberem uma notificação que alertava para os termos e condições aplicáveis a partir de 8 de fevereiro. Entretanto, a decisão foi adiada para 15 de maio, mas há muito que é pública a quantidade de dados recolhidos pelas aplicações do Facebook. Mesmo no caso das que parecem mais simples, como o Messenger ou o WhatsApp.

"A empresa-mãe Facebook controla um conjunto de aplicações, um ecossistema que permite saber com quem se fala, o que se vê, partilha e gosta, aquilo que se compra e onde se está", expressa David Russo, *chief technology officer* (CTO) da empresa de cibersegurança e formação CyberS3c. "Não se trata de informação escondida", garante, "basta abrir a AppStore e ler para saber isto", mas a maior parte desconhecerá que o WhatsApp não se cinge a recolher informações de contacto e que até a informação financeira pode ser recolhida. Ou que o Messenger também tem acesso a dados de saúde e *fitness*, financeiros e de compras, assim como ao histórico de navegação e de pesquisa.

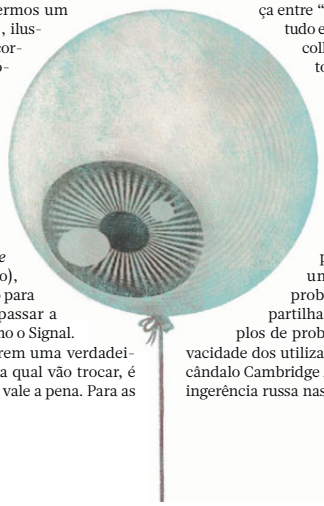
É um manancial de informação que cada um disponibiliza a uma única empresa a cada segundo, e que pode trazer consequências para a vida futura. "Os dados que forneço podem ser usados contra mim, porque o problema aqui não é a informação isolada, é como é trabalhada. Os dados de saúde e *fitness* no Messenger podem ser usados para quê? Para as seguradoras avaliarem o risco de fazerem um seguro de determinada pessoa. Se considerarem, pelos grupos que frequento, pelo que partilho e pelo que procuro, que sou um doente de risco, posso não conseguir ser segurado. Posso mesmo nem conseguir um crédito bancário" no futuro, exemplifica o especialista em cibersegurança.

Nesse futuro cada vez mais próximo, "tudo o que fazemos passará por meios tecnológicos, mas a maior parte não sabe usar a tecnologia". "É como vivermos num mundo de carros elétricos e autónomos e nem conhecermos um carro puramente mecânico", ilustra David Russo, antes de recordar que "basta ter o telemóvel sempre com o *wi-fi* ligado para se conseguir saber onde alguém esteve, e que o mesmo pode acontecer com o Bluetooth". É preciso alterar comportamentos e, se a mudança de uma aplicação para outra parece simples (basta abrir a loja de aplicações do *smartphone* e descarregar um novo título), será preciso mais do que isso para abandonar o WhatsApp e passar a utilizar o Telegram, ou mesmo o Signal.

"Se as pessoas não tiverem uma verdadeira consciência da razão pela qual vão trocar, é porque não entendem e não vale a pena. Para as pessoas são apenas *apps* e trocam porque viram no Twitter, porque um *influencer* recomendou. Mas se não tiverem lá os seus contactos, voltam num instante para o WhatsApp"; antevê David Russo, que olha para a questão como se de um vírus se tratasse. "Tal como na pandemia que estamos a enfrentar, aqui também é preciso atingir a imunidade de grupo. E isso só se consegue se avisarmos os nossos contactos para mudarem para uma *app* mais segura, com foco na privacidade. Se mudarmos e não tivermos ninguém com quem conversar, não fará sentido. Torna-se uma rede social que não será social."

É por isso que Margarida Albino tem lutado, ao falar com os amigos sobre alternativas mais seguras, para continuarem a conversar sem oferecerem os seus dados ao ecossistema do Facebook. Mas o caminho é longo numa sociedade em que o "não tenho nada a esconder" ainda reina. Basta olhar para o número de utilizadores ativos para perceber como estão em causa dimensões diferentes (e como o valor da privacidade não é tão alto quanto isso): o WhatsApp é utilizado por 2 mil milhões de pessoas, ao passo que o Telegram tem 400 milhões de utilizadores e o Signal rondará apenas os 20 milhões de pessoas — apesar dos *tweets* de Elon Musk a impulsionar o uso da aplicação.

"Quando falo do Signal às pessoas, vejo que algumas estão recetivas e há até quem instale logo, mas depois há quem diga que não tem segredos e isso lembra-me logo as alterações climáticas. Só acreditamos quando formos ao mar e a água estiver quente", compara Margarida. E David Russo concorda. Às vezes é preciso um verdadeiro balde de água fria para acordar e perceber a diferença entre "uma *app* que partilha quase tudo e outra que o máximo que recolhe é a informação de contacto, o número de telemóvel", frisa o CTO da CyberS3c, referindo-se ao Signal escolhido por Margarida.



Da garantia de empresas forenses, que trabalham com serviços de informação e dizem ter conseguido quebrar a cifra do WhatsApp — até que ponto é a sua encriptação um dado adquirido? — aos problemas relacionados com a partilha de dados não faltam exemplos de problemas na segurança e privacidade dos utilizadores, "sem esquecer o escândalo Cambridge Analytica do Facebook ou a ingerência russa nas eleições de 2016", recorda

CISION

Expresso

ID: 91185707

12-02-2021 | Revista E

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 43
Cores: Cor
Área: 15,51 x 23,50 cm²
Corte: 4 de 6

Russo sobre as presidenciais americanas que levaram Trump ao poder. Não faltam histórias que são verdadeiras bandeiras vermelhas na operação do grupo e isso "já devia ser sinal de alarme suficiente para se procurar alternativas de comunicação, meios que não estejam ligadas a estas operações", como alerta o especialista em cibersegurança português. Mas a privacidade continua em segundo plano face à aparente oferta de serviços sem custos associados, mesmo que hoje se saiba que não é de todo assim. Quando não pagamos por um produto, o produto somos nós. Estará mesmo na altura de saltar da prateleira e abandonar a loja?

**UM SIGNAL DE MUDANÇA**

Os especialistas contactados pelo Expresso são unânimes. A nível internacional, o Signal está entre as aplicações de mensagens mais seguras, mas mesmo usar o Telegram "já é uma vitória" (neste ponto há discórdia, já lá vamos). É que se na primeira apenas o número de telemóvel é recolhido (sem poder ser associado ao utilizador), a segunda vai pouco mais além e só lhe acrescenta os dados de contactos e identificadores — e já conta com uma experiência de utilizador mais aproximada à das congéneres controladas pelo Facebook, ou mesmo às de origem chinesa mais utilizadas na Ásia.

Os *stickers* animados surpreendem (e também viciam), mas com a garantia de que os seus dados de utilização não são utilizados para nada. Na verdade nem recolhidos são e isso é uma vantagem na hora de escolher uma aplicação menos intrusiva. É a aplicação do princípio da "minimização de dados", destacado pelo advogado Luís Neto Galvão, especialista em Proteção de Dados, quando se refere ao Telegram e ao Signal, que vê nesse ponto "uma garantia de segurança" por estarem em causa aplicações que "têm poucos dados a respeito dos seus utilizadores".

"A credibilidade é fundamental e, no caso do Signal, estar ligado a uma fundação é uma vantagem", considera o jurista que vê uma importância crescente da reputação. "A credibilidade e a ética, ligadas à postura de determinada empresa perante a sociedade, são cada vez mais uma garantia de segurança que deixa os utilizadores mais à vontade para utilizarem determinado serviço."

É o que parece estar a acontecer com a adoção da *app* controlada pela Signal Technology Foundation, a organização americana sem fins lucrativos fundada em 2018 por Moxie Marlinspike e Brian Acton, este último conhecido pela criação do WhatsApp e que vendeu o serviço de mensagens ao Facebook, dedicando-se a ao novo projeto nos últimos três anos. Ou, em sentido contrário, o que

CISION

Expresso

ID: 91185707

12-02-2021 | Revista E

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 44
Cores: Cor
Área: 15,26 x 21,03 cm²
Corte: 5 de 6

está a verificar-se com o próprio WhatsApp, que estaria apenas a tentar comunicar de forma mais clara as novas regras aplicáveis e que acabou por enfrentar a fúria dos utilizador. O problema nasce aqui, quando uma suposta nova cultura de transparência choca com as ações, com a "razoabilidade dos dados que tiram". "Foi um tiro no pé", avalia Neto Galvão, enquanto uma concorrência que se espera mais ética continua a evoluir.

A equipa de Marlinspike e Acton tem vindo a colocar cada vez mais funcionalidades no Signal, desengane-se quem julgar que a fatura da segurança se paga pela falta da maior parte das funções, e não se espera que fique por aqui. O mesmo se passa no Telegram, que até já possibilita a migração das conversas do WhatsApp para que nada se perca em tempo de mudanças. No caso dos grupos, a família até pode crescer: enquanto no WhatsApp só permitem 256 pessoas, no Signal cabem 1000 participantes e no Telegram é possível ir até aos 200 mil. É um número que espanta numa aplicação que tem nas comunidades e nos canais de alertas os seus pontos fortes. São canais de difusão dedicados a temas específicos ou gerais, onde também já entraram canais de televisão internacionais à procura de audiências.

É um novo mundo a nascer, numa altura em que se verificam as previsões de há alguns anos. A experiência de rede social será cada vez mais pessoal e centrada na troca direta de conteúdos, contornando os *feeds* que empresas como o Facebook popularizaram. Também os *chats* secretos e as mensagens que se destroem em segundos ganham aqui uma nova vida, em segurança. No caso do Signal, até os metadados (ou seja, os dados sobre os dados) são cifrados, para que ninguém tenha acesso indevido à informação do utilizador — nem mesmo à sua fotografia de perfil. "A privacidade é o futuro", adianta David Russo, que tem acompanhado a evolução das aplicações de mensagens. Recorda como também fomos capazes de evoluir nos SMS — com mais carateres, gratuitos, com recibos de leitura e destes para outras aplicações de mensagens até chegarmos até aqui.

Para Luís Neto Galvão, que também olha com importância crescente para as questões relacionadas com a segurança e a privacidade — "é muito mais abrangente do que a encriptação ou a segurança dos dados" — , é importante referir que "a existência de um acordo de adesão da plataforma não deve dar-lhe a possibilidade de fazer o que quer com os nossos dados", mesmo que também não possa ser invocado o desconhecimento quando se aceitaram os termos antes de criar uma conta. O ideal é que a realidade seja explicada pelas plataformas como se de uma cebola se tratasse.

**Tal como na pandemia, aqui também precisamos da imunidade de grupo. E isso só se consegue se os nossos contactos mudarem para uma *app* mais segura"**

**DAVID RUSSO**
Chief technology officer, CyberS3c

A questão dos dados deve ser explicada "por camadas", considera o jurista, que vê vantagens em que se explique de forma simples o que se faz com os dados, dando depois a possibilidade a quem estiver interessado de explorar mais sobre o tema. Como os modelos são gerais e não negociáveis — aliás, a política de privacidade não é um contrato entre determinada pessoa e a plataforma, mas sim uma declaração desta em que explica o que faz com os dados — os utilizadores finais devem também ter uma proteção especial dos reguladores.

É certo que o que está nos termos e condições tem de estar enquadrado na lei, mas continuam a ser necessários mais mecanismos de defesa. Estamos totalmente desprotegidos? "Não estamos, mas persistem vários problemas." Apesar das iniciativas europeias e de existir hoje uma estrutura mais musculada do que outrora (em 2014, a política de privacidade confusa da Google valeu-lhe uma coima de apenas €150 mil), "a nossa proteção é limitada". Mas as autoridades estão mais atentas e há países — como a Itália, França, Polónia ou Alemanha — onde esta nova questão dos dados relacionada com o WhatsApp não está a passar em branco.

Ao mesmo tempo, e do lado da Comissão Europeia, surgem propostas para evitar casos do género no futuro. A ideia é impor normas mais restritas aos grandes operadores com muitos serviços diferentes, que deixariam de poder cruzar os dados das suas plataformas no mesmo lugar. Pretende-se que estas empresas passem a ter silos de dados, para que deixe de ser possível a junção de informação recolhida em vários locais, garantindo que o Instagram ou o Facebook não tirarão partido de dados do WhatsApp ou do Messenger. Também o Tribunal de Justiça da União Europeia decidiu tomar medidas relativamente à segurança e proteção dos dados aquando da saída destes do espaço comunitário. Afinal o escudo do EU-US Privacy Shield não era tão forte quanto isso e não seria capaz de proteger os dados na exportação dos mesmos para os Estados Unidos.

São iniciativas importantes, mas que podem revelar-se um problema demasiado grande para os gigantes tecnológicos, especialmente quando a intenção era pôr as aplicações de mensagens a trabalhar para a respetiva casa-mãe. Trata-se de uma intenção que não é completamente pública, mas que ajuda a explicar o investimento de 19 mil milhões de dólares no WhatsApp, em 2014, numa altura em que não gerava quaisquer lucros. Tudo estaria pensado para fazê-lo gerar valor num futuro próximo.

A quinta geração móvel — em Portugal, o leilão do 5G será feito este ano — trará consigo novos

CISION

Expresso

ID: 91185707

12-02-2021 | Revista E

Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 45
Cores: Cor
Área: 15,31 x 22,15 cm²
Corte: 6 de 6

serviços a funcionar a partir de dados gerados pelos mais diversos aparelhos. É a internet das coisas, de que tanto se fala mas que a maior parte ainda não viu aplicada ao mundo, a funcionar, levando a uma verdadeira explosão dos metadados. Dos alimentos que se colocam no frigorífico aos dados de condução, tudo será informação e é preciso garantir que esta apenas seja utilizada a favor dos consumidores. "A nossa fragilidade será cada vez maior. Temos de conseguir proteger os nossos dados o quanto antes", alerta ainda Neto Galvão.

**HORA DE MATAR O MENSAGEIRO?**

A tendência de procurar uma maior proteção é real, mas esta é "uma questão lata que não pode restringir-se a uma polémica do WhatsApp", considera o jurista e especialista em privacidade e cibersegurança Nelson Saramago Escórcio. "Para estarem informadas, as pessoas têm de estudar um bocadinho, perceber o que estão a usar, o modelo de negócio da empresa que controla a aplicação ou serviço, e perguntar 'se é gratuito, porque é que é gratuito?'", detalha Saramago Escórcio, "mas grande parte das pessoas não está para isso". "Querem algo que funcione e, de preferência, que seja gratuito. O WhatsApp faz isso e fá-lo muito bem há muito tempo, mesmo antes de ter sido comprado pelo Facebook."

Desafiado pelo Expresso a responder se o WhatsApp é uma ameaça real para o utilizador comum, o especialista na área julga que "não há uma verdadeira razão para se rejeitar o WhatsApp, especialmente se a ideia for continuar a usar o Facebook", mas avisa que há exceções. Tudo depende do uso feito da aplicação: não há problema de maior se esta for utilizada para falar com amigos ou com a família, mas a situação inverte-se em âmbito profissional.

"Se trabalha com material classificado, com riscos de segurança de informação, deve ter cuidado", considera. Em causa não está propriamente o conteúdo das mensagens, "cuja cifragem é bem feita, muito semelhante à do Signal e até melhor do que no Telegram", mas sim nos metadados. "Com tanta informação do utilizador, do endereço de IP às pessoas com quem fala, dá para montar um quadro, um perfil do utilizador." É importante referir que a informação não é vendida, algo consagrado "no acordo entre o WhatsApp e o utilizador", mas pode ser trabalhada "e partilhada com o Facebook, sendo suscetível de ser confiscada pelo poder judicial ou pelos serviços de informação".

No entanto, Nelson Saramago Escórcio acredita que a maior parte das pessoas que migrou do WhatsApp para outra aplicação o fez "por impulso e não por ter informação adequada sobre o tema", até porque "essa questão da partilha é uma falácia": não há qualquer alteração desde 2016 no que ao uso particular da aplicação diz respeito. "Se querem falar de privacidade de forma convicta e séria têm de olhar mais para a floresta e menos para a árvore", contrariando uma crise de atenção em que bastam "duas ou três palavras de Elon Musk" para se mudar de opinião. É com um sentimento de frustração que vê "pessoas a mudar sem qualquer fundamento, enquanto prescindem da privacidade a todas as horas".

> "Não há uma verdadeira razão para se rejeitar o WhatsApp, especialmente se a ideia for continuar a usar o Facebook"
>
> **NUNO SARAMAGO ESCÓRCIO**
> Jurista especialista em privacidade

Ao contrário de outras vozes, o jurista e especialista em privacidade e cibersegurança também não vê "grandes vantagens na mudança do WhatsApp para o Telegram" e soma questões relacionadas com o financiamento e controlo da aplicação às preocupações com algumas questões técnicas da cifragem, que "embora seja robusta não está definida por defeito". Se a ideia for a busca por uma maior segurança, apostaria no Signal.

"No caso do Signal, a fonte de financiamento é conhecida, a fundação que o controla tem regras claras e todo o código é *open source*, o mais seguro e transparente possível. As motivações são consistentes e as pessoas que o gerem têm historial conhecido e sólido", enumera, antes de expor as dúvidas que subsistem em relação ao Telegram. "Neste momento não há uma forma clara de financiamento e a origem de quem lá trabalha também não é tão certa, embora não esteja em causa uma questão de idoneidade é uma questão de transparência. Em relação aos dados, tem algumas informações sobre o IP que não são cifradas e que ficam registadas."

Apesar dos avisos feitos e das comparações entre plataformas, Saramago Escórcio é perentório: "Há que evitar a procura desenfreada e ideológica de algo que não nos serve", até pela necessidade de alcançar um (difícil) equilíbrio entre privacidade e segurança. Numa altura em que a privacidade vende — "transformou-se num jogo comercial, em vez de valor, é apresentada como um atrativo, um fator de venda", alerta o jurista —, corre-se também o risco de criar uma sociedade em que todos os dados são privados, onde é impossível investigar seja o que for.

Hoje já são as plataformas a decidir que dados podem ser cedidos às autoridades, mas o caminho da cifragem total é escuro e não se sabe para onde pode levar o mundo. Esta não é apenas uma guerra de mensagens, é uma mensagem de que a guerra pela informação está apenas a começar. E, 'signal' dos tempos, o diálogo é cada vez mais difícil. Que não se matem os mensageiros. ●

jmsalvador@expresso.impresa.pt